

POESIA E POLÊMICA NO NASCIMENTO DA CIDADE

(POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE)

José Américo Miranda

Resumo

O artigo narra sucintamente alguns episódios relacionados com a transferência da capital mineira de Ouro Preto para Belo Horizonte, na década de noventa do século passado, recuperando, para a memória da cidade, através de versos de poetas daquela época, alguns aspectos da polêmica gerada em torno do assunto.

Abstract

This article briefly calls forth occurrences and circumstances related to the removal of the capital of the State of Minas Gerais from Ouro Preto to Belo Horizonte in the 1890s. It recovers for the memory of the city, through verses of contemporary poets, some aspects of the controversy to which this subject has given rise at that time.

Entre os que passam suas vidas correndo e lutando pela sobrevivência nas ruas de Belo Horizonte, poucos são os que se dão conta do caráter parnasiano da cidade, pelo risco de sua planta, por sua primeira arquitetura, particularmente a dos prédios públicos, e pela conformação linear dos limites que lhe foram dados pela avenida do Contorno. Menor ainda é o número dos

que sabem que na origem mesma da cidade encontra-se uma guerra de sonetos.

A idéia da transferência da capital de Ouro Preto, onde estava instalada, para outra localidade melhor situada, era antiga, encontrando-se incluída nos projetos da Conjuração Mineira de 1789. A idéia fermentou ao longo do século XIX e, tendo assumido feições definitivas, resultou na apresentação, em 1867, à Assembléia Provincial, pelo deputado Padre Paraíso, de um projeto de transferência da capital para a povoação de Jequitibá, margem do rio das Velhas, na região de Curvelo.

Com a proclamação da República, a idéia da mudança tomou novo alento. Antes mesmo que se soubesse para onde se transferiria a capital, o Padre José Joaquim Correia de Almeida, mais conhecido como Padre Mestre, incorrigível satírico, em sua obra *Sensaborias métricas ou versos piegas* (Rio de Janeiro: Laemmert, 1890), já se manifestava contrário à mesma:

Quem quer os fins põe os meios,
e assim vai a cousa avante,
sendo a idéia triunfante,
dissipados os receios.

Sisuda, sem galanteios,
propaganda se levante
e abate à força instante
de Vila Rica os esteios.

Se pessoa escrupulosa
diz que a empreitada é custosa,
direi eu que não é tal.

O *capital* da mudança
se alguém der, logo se alcança
mudança *da capital*.

O padre poeta, professor de latim, donde lhe veio a alcunha de Padre Mestre, dono de “vernaculíssimos ouvidos”, na expressão de Abílio Barreto (*Belo Horizonte: memória histórica e descritiva - história antiga*. Belo Horizonte: Rex, 1936. p.229), irritou-se com o neologismo “mudancistas”, pelo qual estavam

sendo designados os partidários da mudança da capital. Para criticá-lo, fez publicar o Padre o seguinte soneto, no livro *Decrepitude metromaniaca* (Rio de Janeiro: Laemmert, 1894):

Neologismo fora de vila e termo

A Castro Lopes e outros exemplares
deviam consultar, por segurança,
os tais apologistas singulares
da injusta e *capitálica* mudança.

Mas eu noto que sábios luminares,
fitando capital de mais chibança,
tão amplamente estendem seus olhares
que a linha visual o infindo alcança.

No seu entusiasmo forte e ardente,
Se neologismo querem, MUDANCISTAS,
eles podiam ser portuguesesmente.

Ou, *mutatis mutandis*, MUTANDISTAS
ficavam sendo assaz latinamente,
se a pressa os não fizesse MUDANTISTAS.

Já em 1890, o governador interino Dr. Domingos Rocha encomendou ao engenheiro Herculano Veloso Ferreira Pena um estudo destinado à identificação da melhor localidade para a instalação futura da sede administrativa do Estado. O parecer emitido designou Belo Horizonte, povoação que já naquele tempo tinha este nome, sendo mais antiga a designação de Curral del Rei.

Quando Antônio Augusto de Lima, no exercício do governo estadual, temendo tomar sozinho a decisão, enviou mensagem ao Congresso Mineiro propondo a mudança da Capital para Belo Horizonte, a voz do padre outra vez se destacou entre as que se levantaram para protestar contra a medida.

Eis um dos sonetos sobre o tema, que o padre incluiu no segundo volume de suas *Sensaborias métricas ou versos piegas* (Rio de Janeiro, Companhia Tipográfica do Brasil, 1892):

Mudança da Capital

Eu abaixo assinado, Presidente
da infinita República dos tolos,
em vez de chamar súditos a bolos,
declaro-me dos súditos contente.

Asneira hoje não há que se não tente,
paradoxos reais é só propô-los;
sofrendo decepções e desconsolos,
está sempre a cair a sábia gente.

Aos vizinhos da fresca Barbacena
louvores triviais, feitos a pena,
eu dou, crendo que nisto não errei.

E é bem claro que aludo a certo povo,
que, tendo aí tão perto um curral novo,
quer fazer capital curral del rei.

Na mesma obra do poeta há outros sonetos sobre o assunto.
Eis um deles:

Mudança da Capital de Minas

Esse Curral del Rei, Belo Horizonte,
produtiva invenção de sindicato,
inculca-se por lebre, mas é gato,
conforme já se sabe no Itamonte.

Veloso amigo embora suba o monte
no intuito e desempenho do mandato,
creio que lhe não faço desacato,
dando-lhe uma pitada de simonte.

Os queijos e o toucinho estarão salvos,
se espertos impingirem a papalvos
por fecunda campina um bamburral.

E a empreitada seria de grão lucro,
se o congresso mineiro, com ser xucro,
se deixasse levar para o curral.

O Veloso do poema é, evidentemente, o engenheiro já citado, Herculano Veloso Ferreira Pena, que emitira um parecer favorável à situação de Belo Horizonte. A palavra "sindicato", que aí aparece, seguramente não tinha, naqueles tempos pré-industriais e com o país recém-saído do regime escravocrata, as conotações trabalhistas que possui hoje. Ela significava "companhia ou associação de capitalistas com interesse em certa empresa", ou, depreciativa e mais explicitamente, "especulação financeira ilícita." Hoje, diríamos: cartel de empreiteiras. Aliás, a especulação imobiliária, ao tempo da construção da cidade, foi denunciada, no romance *A capital*, pelo escritor Avelino Fóscolo, cronista de sua fundação.

Assim que foi dado ao conhecimento do público, o poema acima transcrito recebeu uma resposta, sob a forma de outro soneto, estampada no periódico *Movimento*. Eis como narra este sucesso o pivô da história, o Padre Mestre Correia de Almeida, em nota, ao final do volume que contém o poema:

Este insignificante soneto mereceu resposta, ao pé da letra, de um chistoso vate, que, sob o significativo e indecifrável pseudônimo - SIN-DI-K, teve a amabilidade de publicá-la no *Movimento*, onde também escrevia humorística e chistosamente um tal João Minhoca, que ainda não pude com certeza saber quem seja ou quem é, mas suponho ser o mesmíssimo referido cujo.

Seguiu-se apimentada polêmica, e, depois de mutuamente nos dizermos alguns poéticos desaforos, creio que ficamos amigos.

Sem ter sido suplicado, foi concedido mútuo perdão.

Sob o enigmático e, certamente, irônico pseudônimo, escondia-se o próprio Augusto de Lima. Quem nos dá essa informação é Eduardo Frieiro, que não revela suas fontes. Seu artigo encontra-se publicado na revista *Kriterion* (v.XV, n.61-62, jul.-dez. 1962, p.539-583). Segue a primeira resposta assinada por SIN-DI-K:

Resposta

Ó padre, ó vate de horizonte estreito,
tomador de pitadas de simonte,
não podes desejar “belo horizonte”
amas a toca, estás no teu direito.

O sindicato, eis o maior defeito!
no entanto, nem preciso é que te aponte,
nem que mandem dizer lá do Itamonte,
tens junto a ti um sindicato feito.

Falas em espertezas! Que virtude!
Desejas só que a capital se mude
para um lugar livre da ladroeira.

Ora bem. Não há sítio mais barato,
nem mais farto de aguadas e bom mato,
mais honesto e melhor que a Mantiqueira.

Para melhor compreender o sentido da resposta, é imprescindível levar em conta o que informa o padre poeta, em nota a outro poema do livro: que no século anterior (o XVIII) houve na serra da Mantiqueira uma quadrilha de ladrões que a tradição muito prestigiou, de modo que, entre os mineiros, mantiqueira se tornou sinônimo de ladroeira. Na obra *Opulência e miséria nas Minas Gerais* (São Paulo, Brasiliense, 1981, p.68), Laura Vergueiro afirma que o alferes Joaquim José da Silva Xavier, que alguns anos depois se imortalizaria como o Tiradentes da Inconfidência, teve papel de destaque na prisão de muitos dos membros desta quadrilha, integrada por brancos, mestiços e ciganos.

Ao soneto-resposta, acima transcrito, apresentou o padre a sua

Réplica

“Ó padre, ó vate de horizonte estreito”
é locução muitíssimo polida,
e sendo analisada e bem delida,
dos paradoxos dá o mais perfeito.

O horizonte de círculo tem jeito,
sua forma não pode ser comprida,
e jamais por estreita será crida,
qual beco, que redondo nunca é feito.

A despeito das leis da geometria
só é capaz daquela filistria
num movimento audaz o João Minhoca.

Eu cá lhe retribuo a gentileza,
dizendo com ingênuo singeleza:
és poeta de engenho... ou de engenhoca.

E a coisa não parou por aí. A esta réplica, apresentou o SIN-DI-K a sua

2a. resposta

Subiste a serra, ó padre, e ao João Minhoca
atribuindo a sova injustamente,
num ímpeto de cólera fremente
chamaste-o de poeta de engenhoca.

"Amas a toca", eu disse, e não me choca
a lição que me dás "redondamente":
há de ser curto e estreito (quem não sente?)
o horizonte avistado de uma toca.

Conforme em parte ao nosso olhar se esconde,
há muita forma estreita que é redonda,
e até muito quadrado fica estreito.

És sempre o mesmo, graças aos teus bolos,
poeta da República dos tolos
e seu primeiro presidente eleito.

O poeta, que se abrigava sob o pseudônimo de SIN-DI-K, refere-se, aqui, ao poema herói-cômico *República dos tolos*, escrito por Correia de Almeida e publicado em 1881. Nessa obra, dando vazão a sua veia humorística, o satírico de batina investia contra o evolucionismo darwinista, teoria científica que

estabelecia, contrariando as crenças religiosas predominantes àquele tempo, as bases de um parentesco biológico entre o homem e o macaco. Na *República dos tolos*, o poeta satiriza os partidários da teoria darwinista propondo a educação dos macacos para com eles substituir a mão de obra negra e abolir a escravidão. Percebe-se que o terceiro dos sonetos que aqui publicamos foi escrito como prolongamento das reflexões que a segunda resposta de SIN-DI-K provocou no padre. As reflexões iniciais, contudo, resultaram na seguinte

Tréplica

Se do anônimo é péssima a postura,
ele, que atrás do toco se coloca,
de direito não tem muita fartura,
para ousar me dizer que eu amo a toca.

Ponho em meus versos própria assinatura,
para não imitar o João Minhoca,
que, no escuro e agachado, se aventura
a fazer enredada massaroca.

Se afirma (oh que importante descoberta!)
que presidido à República dos tolos,
o mínimo não dou dos meus cavacos.

Presidência melhor tem feira aberta,
e, porque distribui bólos e bolos,
de certo não é minha, é dos velhacos.

No decorrer da polêmica, como podemos ver, o assunto desviou-se do tema original, que era a mudança da Capital, e, muito ao gosto da época, passou a girar em torno de amenidades poéticas.

Uma outra polêmica, também ocasionada pelo processo da mudança, teve o mesmo destino. A Constituição do Estado, promulgada pelo Congresso Mineiro na véspera da saída de Augusto de Lima do governo, determinava a mudança da Capital sem, entretanto, dizer para onde. Providências concretas, no sentido de efetivar a transferência, só foram tomadas por Afonso Pena, primeiro presidente do Estado eleito por votação direta, que

governou de 1892 a 1894. Durante o governo anterior, de Cesário Alvim, depois de muitas discussões, uma comissão, composta por senadores e deputados estaduais, fixou as localidades que deveriam ser estudadas como possíveis sedes da nova Capital. Eram elas: Belo Horizonte, Juiz de Fora, Barbacena, Paraúna e Várzea do Marçal (na região de São João del Rei). No governo Afonso Pena, foi nomeado o engenheiro Aarão Reis para chefiar a equipe encarregada de estudar as cinco localidades. Juiz de Fora, Barbacena e Paraúna acabaram excluídas; entre Belo Horizonte e Várzea do Marçal, o parecer do engenheiro foi favorável a esta última. Diante da escolha feita, o Padre Correia de Almeida reagiu, produzindo o seguinte soneto, que publicou na imprensa barbacenense da época e incluiu, posteriormente, em sua obra *Decrepitude metromaniaca* (Rio de Janeiro: Laemmert, 1894):

Imparcialidade aarônica

O engenhoso engenheiro, nomeado
juiz da capitânica mudança,
lançou Juiz de Fora para um lado,
Barbacena excluiu da contradança!

No espaço de três anos limitado
cidade afiançou de tal chibança,
que à América do Sul não será dado
possuir igual! Oh que esperança!

Nesta fina pilhéria de bom gosto
a mancheias parece que ele há posto
a mais grossa ou maior dose de sal!

E por honra de nossa ingenuidade,
o centro descobriu da gravidade!
Sabem onde? Na Várzea do Marçal!

O “soneto aarônico” deu origem a outro, provavelmente publicado na imprensa de Barbacena, que o Padre reproduziu em seu livro, sem indicar-lhe a procedência. Como na polêmica travada em versos com Augusto de Lima, o autor da resposta ao Padre Mestre ocultou-se sob pseudônimo, desta vez Horacio Flacco:

Descoberta aarônica

Resposta ao Padre Correia de Almeida

**Ilustre mestre, sou bisonho em verso,
mais bisonho inda sou, digo a verdade,
em os centros julgar de gravidade
da Várzea do Marçal ou do Universo.**

**No regime, porém, de liberdade,
do passado regime tão diverso,
pra discutir um ponto controverso
não é preciso grande autoridade.**

**Assim, pois, na questão, sem mais cavaco
meto já, com perdão, o meu bedelho
e tome quem quiser deste tabaco:**

**Não passe o sapateiro além do artelho,
nem o alfaiate passe do casaco
- é decerto, ao poeta um bom conselho.**

Tal como sucedera na outra ocasião, os partidários da mudança da Capital e os contrários a ela discutem e brigam entre si por qualquer razão, alheios à questão que tinha dado origem à polêmica. Eis a réplica do Padre:

Réplica

**Em vez de Horacio Flacco, assine claro
o nome de batismo de água e pia
o poeta que assim me desafia,
sabendo que me falta algum preparo.**

**Julga-me fraco? Eu, pois, o desamparo,
deixando-lhe a vitória e a primazia;
se volto para a vil sapataria,
é porque seu conselho não é caro.**

**E até, reconhecendo meus enganos,
concordo que no espaço de três anos
se realize o impossível mais taful!**

Na Várzea do Marçal, primor de estampas,
uma cidade tal que leve as lampas
às maiores da América do Sul!!

A nova Capital, em sessão do Congresso Mineiro realizada em Barbacena (20/11/1893), para fugir às hostilidades dos ouropretanos insatisfeitos, recebeu a denominação de "Minas". Na mesma ocasião, ficou decidido que se transferiria não para a Várzea do Marçal, mas para o local onde hoje se encontra.

O tema da roubalheira na política, ainda associado à transferência da capital mineira, retorna em outro poema do Padre, composto por ocasião da descoberta de uma mina de ouro na ex-capital de Minas. O poema apareceu em *Puerilidades de um macróbio* (Rio de Janeiro, Laemmert, 1898), sob o título

Tiradentes protege Vila Rica

Do Ouro Preto essa nova mina de ouro,
descoberta no tal morro das lagens,
pode ser de muitíssimas vantagens,
não sendo esse ouro preto, porém louro.

Se se esgotou o público tesouro
em várias e ruins farandulagens,
folheta que reluza nas lavagens
nesta quadra é de muito bom agouro.

Tu, ó leitor, verás, se o examinas,
que no Belo Horizonte não há minas,
ainda que de Minas tenha o nome.

E os novos pariás ouropretanos,
aos quais deixou-se ossada sem tutanos,
não devem reçar morrer de fome.

Também a incoerência administrativa chamou a atenção do poeta. Enquanto era construída a nova cidade, para onde se transferiu a sede do governo em 12 de dezembro de 1897, os desmandos administrativos ocorridos em Ouro Preto não lhe escaparam. Em sua obra *Decrepitude metromaniaca*, podemos ler o seguinte soneto:

Incoerência legislativa

O Congresso de Minas faz decreto,
tirando a capital de Vila Rica,
e em Vila Rica emprega-se o arquiteto
e o Paço do senado se edifica!

De que vos admirais, povo concreto?
Cai-vos o queixo, e a boca fica aberta!
Não vedes que por trâmite direto
hoje o ser e o não ser se identifica?

Perfeitamente casa a transferência
com a mais arraigada permanência,
conforme se conclui da sábia lei!

E aqueles que no absurdo forem práticos
não façam paralelos esquipáticos,
enquanto reinam roques e não rei.

E há mais sonetos. Eduardo Frieiro registrou este outro, sem indicação de fonte:

Ao Congresso propõe-se, na mensagem,
que lá para o Curral del Rei se mude
a velha capital, que, bronca e rude,
em si reúne toda desvantagem!

Congressistas é certo que reagem,
se nisto o meu bestunto não se ilude:
apesar da beleza da altitude,
tem seu quê de ruindade essa paragem.

A proposta, portanto, há de ir abaixo,
depois que a discussão atice o facho
de voraz caloroso e ardente fogo.

Conforme está provado por estudos,
os curraleiros todos são papudos,
o que eles todos devem ao Diogo.

Diogo de Vasconcelos, notável historiador e redator de *O Jornal de Minas*, era contrário àquela mudança, por julgar insalubre o clima do local destinado a sediar a futura capital. Entenda-se que os curraleiros, primitivos habitantes de Belo Horizonte, deviam ao Diogo não o papo que tinham mas a fama de papudos. Os adversários da transferência alegavam a alta frequência de bócio (daí os papudos do poema) na região da atual Belo Horizonte. Naquele tempo, entretanto, o problema do bócio endêmico não era exclusividade nossa, atingia todo o interior do país. Como hoje se sabe, o mal era causado pela deficiência de iodo nas dietas e foi eliminado pelo acréscimo daquele elemento químico ao sal de cozinha distribuído para o consumo das populações.

A forma clara do soneto, com seus quartetos e tercetos, espontaneamente eleita para polemizar a propósito da transferência da capital, parece ser o equivalente, na expressão literária, dos quarteirões quadrados e triangulares presentes na planta da cidade, da linha nítida e contínua (Avenida do Contorno) que circunda seu centro, e da inspiração neoclássica de suas praças e de suas primeiras edificações. Foi assim que nasceu, parnasiana, a cidade de Belo Horizonte.

Nota

As informações históricas sobre a mudança da Capital de Minas para Belo Horizonte foram retiradas da obra de Waldemar de Almeida BARBOSA (*História de Minas*. Belo Horizonte: Comunicação, 1979. v.3 p.645-656) e Abílio BARRETO (*Belo Horizonte: memória histórica e descritiva*. Belo Horizonte: Rex, 1936. 2v.)